Fique Depois que a Galeria Fechar

Entre as telas, é mais fácil esconder um olhar do que um sentimento



Laura Bellini

Fique Depois que a Galeria Fechar

Entre as telas, é mais fácil esconder um olhar do que um sentimento

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384904824

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Condições que Não Estavam no Projeto 11
Capítulo 2 - Além do Plano da Exposição..... 22
Capítulo 3 - A Luz que Não Pode Ser Planejada 36
Capítulo 4 - As Coisas que Não Entram no Cronograma..... 47
Capítulo 5 - O Direito de Dizer Não 62
Capítulo 6 - Depois do Expediente..... 71
Capítulo 7 - A Manhã Depois da Mudança 83
Capítulo 8 - Música do Outro Lado da Cidade 93
Capítulo 9 - Tudo o que Precisava Ser Mostrado 106
Capítulo 10 - Não Apenas Por Uma Noite..... 119
Capítulo 11 - Os Limites da Proximidade.....130
Capítulo 12 - O Preço da Acessibilidade.....142
Capítulo 13 - Aquilo que Não Pode Ser Silenciado.....154
Capítulo 14 - O Que Cada Um de Nós Pode Perder 165
Capítulo 15 - A Verdade Registrada nos Documentos.....178
Capítulo 16 - O Espaço que Precisei Recuperar 192
Capítulo 17 - Dois Caminhos Separados..... 206
Capítulo 18 - O Preço da Honestidade 216
Capítulo 19 - Antes de Abrirmos as Portas Novamente..... 228
Capítulo 20 - Fique Quando a Galeria Já Estiver Vazia.....241

INTRO

A última luz do dia entrava na galeria em um ângulo que fazia até as imperfeições das paredes parecerem parte intencional da decoração. Eu gostava daquele horário. Gdynia começava lentamente a se livrar da correria do dia, as silhuetas das pessoas que voltavam para casa deslizavam do outro lado das janelas e, no interior, restavam apenas os quadros, o cheiro de tinta fresca e um silêncio que não precisava ser explicado a ninguém.

Eu estava no centro da sala principal, segurando uma folha de papel nas mãos. Tinha um plano detalhado para a disposição das obras na minha primeira exposição individual. Não era uma coleção aleatória de telas que precisavam ser penduradas nos espaços disponíveis. Cada quadro tinha seu lugar, sua distância em relação ao seguinte e um espaço próprio onde sua presença poderia se fazer sentir. Alguns precisavam de luz, outros de penumbra. Uns deveriam atrair o olhar logo na entrada, enquanto os demais só deveriam ser descobertos quando alguém decidisse se aproximar.

Durante muitos meses, eu havia trabalhado justamente para aquele momento. Pintava, corrigia, destruía minhas próprias ideias e começava tudo de novo. Recusava propostas que pareciam sensatas, mas que não tinham nada a ver comigo. Finalmente, alguém havia reconhecido que minhas pinturas mereciam um espaço exclusivo, em vez de apenas um pedaço de parede entre as obras de outros artistas.

Eu não pretendia abrir mão do controle sobre aquilo que seria mostrado ao público.

Passei o dedo pelo esboço. O maior quadro, aquele que retratava a silhueta de uma mulher de costas diante de uma janela aberta, deveria ficar no final do longo corredor. Não era o mais bonito. Também não tinha as cores mais impressionantes. Mas era o que mais se aproximava daquilo que eu queria dizer. Pessoal demais para ser explicado durante uma conversa casual e importante demais para permitir que alguém decidisse que seria melhor escondê-lo.

Ouvi o som de uma chave girando na fechadura.

Virei-me, convencida de que uma das funcionárias da galeria havia voltado para buscar a bolsa que esquecera. Em vez dela, havia um homem parado à porta, com uma pasta preta debaixo do braço. Usava um casaco escuro, aberto o suficiente para revelar um suéter simples, de tom grafite. Não parecia alguém que tivesse entrado por engano. Observava a sala com a atenção de quem estava acostumado a avaliar um espaço antes mesmo de dar o primeiro passo.

— Desculpe — falei. — A galeria já está fechada.

Ele olhou para o relógio e depois para mim.

— Eu sei. Foi por isso que vim agora.

Não era exatamente um argumento convincente.

— Nesse caso, o senhor também deve saber que não recebemos visitantes depois do horário de funcionamento.

— Não vim para visitar a exposição.

— Que pena. É um lugar bastante agradável quando ninguém está tentando resolver alguma coisa nele.

O canto de sua boca se moveu discretamente.

— Eryk Jeż. Sou o designer responsável pela exposição. Nosso encontro estava marcado para a próxima semana, mas quis conhecer o espaço com antecedência.

Por um instante, fiquei olhando para ele sem dizer nada. Eu reconhecia o sobrenome das mensagens enviadas pela direção, de alguns arquivos anexados e de uma breve informação de que seria ele o responsável pela parte técnica da montagem. Não esperava, porém, que aparecesse sem avisar, justamente quando eu tentava fazer os últimos ajustes na disposição que havia planejado.

— Florentyna Dąb — apresentei-me. — A artista cuja exposição o senhor pretende projetar.

— Eu sei.

Ele disse aquilo tranquilamente, sem demonstrar uma cortesia exagerada. Seu olhar percorreu as paredes e parou nas telas apoiadas no chão. Não as observava como as pessoas que querem escolher rapidamente o quadro mais bonito. Prestava atenção às distâncias, à iluminação, à altura e ao ângulo de onde cada obra seria contemplada.

Aquilo despertou meu interesse mais do que eu gostaria de admitir.

— Você tem um plano? — perguntou.

Ergueu os olhos para a folha que eu segurava.

— Tenho.

— Posso ver?

— Pode olhar, mas isso não significa que tenha permissão para modificá-lo.

Dessa vez, ele sorriu de maneira mais evidente.

— Estamos começando com as regras bem definidas. Ótimo.

Aproximei-me da mesa e abri o esboço. Não lhe entreguei a folha. Apenas permiti que ficasse ao meu lado e examinasse a disposição de cada obra. Percebi que ele não se inclinava sobre o papel com aquela autoconfiança exagerada de quem acredita saber tudo. Deixou espaço para mim, como se compreendesse que eu era a anfitriã daquele projeto.

— Aqui — apontou para um dos retângulos —, a luz vai incidir com intensidade demais. Nesse horário, os reflexos podem encobrir parte da pintura.

— Podemos mudar a posição da iluminação.

— Podemos. Mas, nesse caso, perderemos a uniformidade de toda a sala.

— Não me importo com a uniformidade. Quero que os quadros possam ser vistos.

— Nem sempre essas duas coisas significam a mesma coisa.

Levantei os olhos para ele. Sua voz era tranquila, um pouco mais grave do que sua aparência sugeria. Não tentava me convencer a qualquer custo. Apresentava o problema e esperava que eu mesma decidisse o que fazer com aquela informação.

Eu não gostava quando alguém tinha razão em relação a algo que eu considerava resolvido.

— E o senhor sempre começa uma colaboração explicando ao artista que ele não entende as próprias pinturas?

— Não. Às vezes começo oferecendo um café.

— Hoje o senhor está um pouco atrasado para isso.

— Posso compensar na próxima vez.

Não respondi imediatamente. Havia surgido uma leveza em seu tom que não estava presente antes. Eu não conseguia determinar se ele estava realmente flertando ou se simplesmente gostava de descobrir até onde poderia levar uma conversa. Em qualquer um dos casos, tive vontade de tornar a tarefa um pouco mais difícil para ele.

Fechei a pasta com minhas anotações e voltei ao quadro encostado na parede.

— Este precisa ficar aqui — falei.

Eryk se aproximou. Parou a uma distância adequada, sem tocar na tela.

Durante alguns segundos, observou a figura pintada. A mulher retratada usava um vestido escuro e seu rosto permanecia invisível. Do outro lado da janela, estendia-se um fragmento de céu cinzento. Eu havia deixado muitas coisas sem explicação naquela pintura, porque algumas delas eu mesma não conseguia nomear, nem mesmo quando estava sozinha.

— Por que exatamente aqui? — perguntou.

— Porque não quero que seja o primeiro quadro que os visitantes vão ver.

— Mas quer que o encontrem.

— Sim.

— É diferente.

Olhei para ele com mais atenção. Era justamente por isso que aquele quadro deveria permanecer no final do corredor. Eu não queria que alguém passasse apressado diante dele,

com o celular na mão e os pensamentos ocupados com o próximo compromisso. Queria que a pessoa precisasse parar. Que decidisse por conta própria se desejava enxergar mais.

— Algumas coisas precisam de tempo — respondi.

Eryk virou o rosto em minha direção.

— Concordo.

Por um breve momento, nenhum de nós disse nada. Do lado de fora, chegava o ruído distante dos carros. No vidro, refletiam-se nossas silhuetas, lado a lado diante de uma pintura cujo significado ele desconhecia.

— Acho que já devo ir — disse finalmente. — Amanhã prepararei as primeiras observações sobre a disposição das obras.

— E amanhã eu prepararei as respostas para observações que ainda nem vi.

— Parece o começo de uma colaboração interessante.

— Ou muito curta.

Ele soltou uma risada baixa. Aquele som combinava surpreendentemente bem com a galeria vazia.

Quando saiu, não voltei imediatamente ao trabalho. Fiquei mais alguns instantes diante do quadro, observando o reflexo das luzes no vidro. Eu tinha meu plano, conhecia a ordem das obras e sabia exatamente o que não pretendia sacrificar. Ainda assim, em poucos minutos, havia aparecido alguém capaz de enxergar nas minhas decisões algo além de simples teimosia.

Eu ainda não sabia se ele seria um bom designer. Também não sabia se sua presença facilitaria as coisas ou se acabaria se tornando mais um obstáculo no caminho até

a exposição. Só sabia que, quando falava sobre as pinturas, não as tratava como objetos de decoração.

Apaguei as luzes da sala principal e guardei o esboço na pasta. Ao chegar à porta, olhei mais uma vez para trás. O quadro da mulher junto à janela permanecia na penumbra, exatamente onde eu queria deixá-lo.

Durante anos, havia aprendido a esconder na pintura aquilo que não conseguia dizer em voz alta. Agora, pela primeira vez, comecei a me perguntar se alguém que observava meus quadros com tanta atenção não acabaria querendo olhar também para mim.

E se, quando isso acontecesse, eu seria capaz de permitir que ele ficasse.

Capítulo 1 - Condições que Não Estavam no Projeto

Na manhã seguinte, cheguei à galeria vinte minutos antes do horário marcado para a reunião. Não porque tivesse medo de me atrasar. Queria ter alguns instantes para observar a sala sem os comentários de ninguém e verificar se, à luz do dia, meu plano ainda me parecia tão evidente quanto na noite anterior. Na véspera, Eryk Jeż havia me deixado com algumas observações que eu não tivera tempo de descartar. O que mais me irritava era o fato de algumas delas fazerem sentido.

Sobre a mesa, espalhei três versões da disposição dos quadros. A primeira era meu projeto original, a segunda incorporava as alterações relacionadas à iluminação e a terceira representava um compromisso que eu não pretendia mostrar a ninguém antes de ter certeza de que realmente precisava dele. Preferia ter mais possibilidades à disposição a permitir que alguém me colocasse diante de uma escolha que eu não tivesse tempo de considerar.

Às nove horas, ouvi passos no corredor.

— Vejo que preparou material para sua defesa — disse Eryk, entrando na sala.

— Mais precisamente, para uma conversa. Defesa sugeriria que alguém já tivesse me atacado.

Ele tirou o casaco e o pendurou no encosto de uma cadeira. Naquele dia, usava uma camisa clara com as mangas dobradas e calças escuras. Parecia menos formal do que na tarde anterior, mas sua pasta estava visivelmente

mais cheia. Colocou-a sobre a mesa sem cobrir meus documentos.

— Não queria vir de mãos vazias.

— Eu também não.

Seu olhar percorreu os esboços espalhados.

— Três versões?

— Uma correta, uma considerando suas observações e outra que o senhor não deveria ver.

— Agora fiquei ainda mais curioso para conhecê-la.

— Nesse caso, com mais razão não vou mostrá-la.

Ele soltou uma risada discreta e se sentou à minha frente. Não tentou assumir o controle da reunião imediatamente. Abriu a pasta e retirou algumas folhas com plantas técnicas impressas. Por um instante, observei suas mãos. Eram bem cuidadas, mas sem exageros. No dedo indicador, notei um pequeno arranhão, como se ele tivesse se machucado recentemente durante algum trabalho. Pensei que talvez projetar exposições não consistisse apenas em passar horas diante de um computador.

— Vamos começar pelo que é mais importante para você — disse.

— Quero que a exposição conte a história que planejei. Não quero que os quadros sejam tratados como produtos independentes, que as pessoas simplesmente observam e avaliam. Eles conversam entre si. Mesmo que alguém não perceba todas as conexões, precisa ter a possibilidade de descobri-las.

Eryk assentiu.

— Então a ordem importa.

— Muito.

— E se descobrirmos que o espaço não permite mantê-la integralmente?

— Nesse caso, procuramos uma solução no espaço, não nos quadros.

Ele apoiou os antebraços sobre a mesa.

— Isso parece razoável até considerarmos a entrada, as áreas de circulação, os pontos de iluminação e a quantidade de pessoas que estarão na sala ao mesmo tempo.

— Não pretendo colocar os quadros no depósito só porque alguém pode querer parar diante deles.

— Não estou propondo um depósito. Estou sugerindo que não criemos uma exposição que só possa ser apreciada exatamente de acordo com seu roteiro ideal.

— E o senhor está sugerindo que qualquer pessoa possa entrar, olhar as três telas mais bonitas e sair convencida de que já entendeu tudo?

— Não. Estou sugerindo que ofereçamos a ela um motivo para permanecer por mais tempo.

Fixei os olhos nele. Não esperava aquela resposta. Seria muito fácil concluir que estava conversando com mais uma pessoa interessada em organizar meu trabalho segundo os próprios padrões. Mas ele tentava nomear algo que era importante para mim, embora nem sempre eu conseguisse explicá-lo com palavras simples.

— Então, por favor, diga exatamente o que o incomoda.

Ele abriu a planta da galeria.

— Aqui temos a sala principal. Se colocarmos a maior tela de frente para a entrada, ela se tornará naturalmente o ponto

central da atenção. É uma boa solução para uma exposição em que existe uma única obra principal. No seu caso, não existe apenas uma. Há três que formam uma espécie de conjunto e várias outras que modificam a maneira como elas são interpretadas.

— Exatamente.

— Por isso, proponho começar pelo quadro da cadeira vazia, seguir pela série de paisagens costeiras e só depois apresentar os trabalhos mais pessoais.

Franzi a testa.

— Não quero a cadeira vazia no início.

— Por quê?

— Porque ela não é um convite. É uma resposta para uma pergunta que o visitante ainda não conhece.

Eryk olhou para a reprodução da pintura.

— Interessante.

— Não diga isso apenas para suavizar uma crítica.

— Não tenho esse hábito.

— Ontem o senhor disse que alguns quadros precisam de mais espaço.

— Continuo pensando assim.

— E hoje quer começar justamente por aquele que deveria ser descoberto mais tarde.

— Quero que as pessoas tenham um destino ao qual possam chegar. Isso não é a mesma coisa que lhes entregar a resposta logo no início.

Fiquei observando-o por alguns instantes. Ele tinha uma habilidade irritante de formular argumentos de um jeito que tornava difícil encontrar uma falha evidente neles.

— Tudo bem. Mas não concordo que os quadros sejam deslocados sem a minha presença.

— Não pretendo fazer isso.

— Também não concordo com nenhuma alteração na ordem sem que seja previamente discutida comigo.

— Podemos incluir isso nos nossos acordos.

— E não quero assinaturas adicionais nem textos explicativos que digam às pessoas o que devem sentir.

Eryk se recostou na cadeira.

— Nesse caso, temos nosso primeiro problema.

— Já?

— Sim. Pequenas descrições não precisam explicar emoções. Podem ajudar a compreender o contexto em que a obra foi criada, a técnica ou a série à qual pertence. Nem todo visitante entende de pintura.

— Não quero que alguém precise entender de pintura para sentir alguma coisa diante de um quadro.

— E eu não quero que alguém se sinta excluído por desconhecer o contexto.

Dessa vez, não respondi imediatamente. Não havia condescendência em sua voz. Ele falava dos visitantes com o mesmo respeito com que eu falava das minhas obras. Não queria facilitar o contato das pessoas com as pinturas tirando delas a possibilidade de construir a própria interpretação. Pelo menos era assim que eu entendia sua posição.

— Podemos preparar pequenas informações sobre a técnica e o título — sugeri. — Sem indicar como a obra deve ser interpretada.

— É um bom ponto de partida.

Ele deslizou uma folha em minha direção com uma proposta de disposição. Notei nela uma pequena anotação referente ao parceiro financeiro da galeria. Estava na parte inferior da página, ao lado das informações sobre os materiais de divulgação.

— O que significa essa observação? — perguntei, apontando com o dedo.

Eryk olhou para o documento.

— São orientações sobre a comunicação da exposição. O parceiro quer que a mensagem seja compreensível para um público mais amplo.

— E os quadros precisam ser compreensíveis para todo mundo?

— Não há como garantir isso.

— Então para que serve essa orientação?

Por um instante, ele ficou em silêncio.

— O patrocinador financia parte do projeto. Tem suas próprias expectativas sobre a maneira como o evento será apresentado. Por enquanto, elas dizem respeito principalmente aos materiais informativos.

— Principalmente?

— Florentyna, não vou fingir que não existem limitações. Mas isso não significa que eu pretenda alterar seus quadros.

Não gostei de ele ter dito aquilo como se a questão já estivesse resolvida. Ainda assim, eu não tinha informações suficientes para acusá-lo de intenções que não havia manifestado.

— Quero ver as orientações completas.

— Claro. Vou enviá-las.

— Não apenas aquelas relacionadas às descrições das obras.

— Entendi.

Não tinha certeza de que ele realmente havia entendido, mas, pelo menos, não tentou encerrar o assunto com uma piada.

Seguimos para a sala principal. Eryk montou um pequeno medidor e verificou a intensidade da luz em diferentes pontos. Explicou que alguns refletores produziam uma tonalidade fria demais, fazendo com que os tons de cinza das minhas telas parecessem diferentes daqueles que eu via no ateliê. Não se limitou a dizer que precisavam ser substituídos. Mostrou-me a diferença em um painel de teste e apresentou duas soluções possíveis.

— Como sabe que justamente essas cores serão um problema? — perguntei.

— Porque verifiquei as reproduções que a senhora enviou à galeria.

— Fez isso antes da nossa reunião de ontem?

— Sim.

— Pensei que só fosse conhecê-las aqui.

— Não gosto de chegar despreparado às reuniões.

Era uma frase simples, mas ficou na minha memória com mais força do que vários dos argumentos anteriores. Eu estava acostumada a pessoas que diziam valorizar a arte e depois nem sequer conseguiam lembrar o título de um quadro. Eryk havia feito a lição de casa. Conhecia minhas obras, a ordem em que deveriam aparecer e suas diferenças

técnicas. Eu não precisava começar todas as conversas explicando por que determinada coisa era importante.

— Nesse caso, mostre-me o que mais verificou.

Durante os quarenta minutos seguintes, trabalhamos diante das diferentes paredes. Às vezes discordávamos, outras vezes um de nós mudava de opinião. Eryk tinha o hábito de fazer uma pergunta antes de apresentar uma solução. Nem sempre eu gostava disso, mas, graças àquela maneira de trabalhar, não me sentia apenas como alguém que deveria aprovar um projeto pronto.

Ao chegar ao terceiro quadro, ele parou por mais tempo.

— Este deveria ficar pendurado um pouco mais baixo.

— Por quê?

— A figura está posicionada perto da borda inferior. Se levantarmos a tela até a altura padrão, o olhar do visitante passará acima dela.

Aproximei-me.

— Eu mesma não tinha percebido isso.

— Porque a senhora conhece esse quadro pelo lado de quem o pintou.

— E o senhor o observa pelo lado de quem vai contemplá-lo.

— Exatamente.

Sorri, embora tentasse não demonstrar. Eryk percebeu, mas não fez nenhum comentário. Talvez por isso o gesto não tenha me parecido irritante.

Quando voltamos à mesa, eu já tinha menos motivos para discordar do que havia imaginado. Isso não significava que pretendia lhe dar liberdade total de ação. Pelo contrário.

Quanto mais eu reconhecia sua competência, mais claramente queria estabelecer as regras da nossa colaboração.

— Preciso de algo concreto — falei. — Não quero passar as próximas semanas negociando tudo desde o começo a cada reunião.

Eryk fechou o medidor e se sentou à minha frente.

— Pode falar.

— O senhor será responsável pelo espaço, pela iluminação, pela disposição técnica e pela montagem. Eu serei responsável pelos quadros, pela ordem deles e pela forma final da narrativa. Qualquer alteração que afete o significado da exposição precisará da minha aprovação.

— Concordo, com uma ressalva. Se alguma solução se mostrar tecnicamente impossível ou insegura, preciso ter o direito de propor uma alternativa.

— Propor, não impor.

— Sim.

— E todas as observações dos patrocinadores devem ser encaminhadas diretamente a mim, não filtradas pela sua interpretação.

Dessa vez, ele não respondeu imediatamente.

— É razoável.

— Então?

— Então vou lhe encaminhar todas as orientações que disserem respeito à exposição. Não posso prometer que o parceiro não apresentará novas observações, mas posso prometer que não vou escondê-las da senhora.

Aceitei a resposta. Não era perfeita, mas pelo menos me deixava livre para tomar minhas próprias decisões.

— Muito bem. Temos uma base para trabalhar juntos.

— Isso quase parece um elogio.

— Não se acostume.

Ele me olhou com uma expressão divertida.

— Vou tentar manter a humildade.

Ao final da reunião, combinamos que ele prepararia duas opções de iluminação e uma nova planta de disposição. Eu deveria entregar a lista definitiva das obras, com as dimensões e as informações sobre os sistemas de fixação. Também marcamos nosso próximo encontro para quinta-feira.

Enquanto Eryk recolhia os documentos, percebi que havia deixado uma folha sobre a mesa. Era a planta com as alterações que havíamos aprovado juntos. Ele a pegou, mas, em vez de guardá-la na pasta, entregou-a a mim.

— Fique com ela.

— Essa é a sua cópia.

— Tenho a versão digital.

— E se perdê-la?

— Nesse caso, vou ter que vir buscar o seu exemplar.

— Muito esperto.

— Nem tudo precisa ser complicado.

Ele saiu alguns minutos depois. Não tentou prolongar a conversa nem sugeriu outro encontro fora da galeria. Mesmo assim, quando a porta se fechou atrás dele, fiquei por alguns instantes olhando para o espaço vazio ao redor da mesa.

A colaboração estava começando a funcionar melhor do que eu havia previsto. Ainda não confiava nele, mas pelo menos sabia que era capaz de ouvir. Isso não era pouca coisa.

Só depois de guardar os documentos percebi que, no verso da folha, ele havia acrescentado uma pequena observação a lápis: "Verificar se o quadro da cadeira vazia precisa de iluminação própria".

Li a frase duas vezes.

Não era uma observação técnica. Parecia mais uma pergunta que eu mesma deveria ter feito.

Pela primeira vez em muito tempo, alguém não estava tentando me dizer o que pintar ou o que deveria sentir. Em vez disso, havia chamado minha atenção para algo que eu ainda não conseguia decidir.

Não sabia se aquilo era o começo de uma boa colaboração ou se simplesmente havia conhecido um homem que sabia fazer perguntas desconfortáveis.

Mas tinha a sensação de que não ficaria entediada com Eryk Jeż.

Capítulo 2 - Além do Plano da Exposição

Na quarta-feira de manhã, recebi uma mensagem de Eryk com dois arquivos anexados e um breve comentário. O primeiro mostrava uma proposta de iluminação para a sala principal, enquanto o segundo continha a planta revisada da disposição dos quadros. Ele também havia anexado as orientações completas do parceiro financeiro da galeria, conforme prometera. Não acrescentou nenhuma explicação nem sugeriu o que eu deveria pensar a respeito.

Comecei pelos projetos. Uma das versões era praticamente idêntica ao que havíamos combinado, enquanto a outra incluía um ponto adicional de iluminação no final do corredor. Gostei mais dessa solução, embora exigisse que duas telas menores fossem deslocadas. Já o documento do patrocinador estava repleto de expressões sobre acessibilidade do evento, público amplo e comunicação acolhedora. Não encontrei nenhuma exigência direta de alteração das pinturas. No entanto, percebi uma frase recomendando evitar conteúdos excessivamente confrontadores nos materiais promocionais.

Fechei o arquivo e fiquei sentada por alguns instantes, sem me mexer.

Não queria tirar conclusões com base em uma única frase. Sabia que os patrocinadores tinham o direito de estabelecer condições para financiar eventos e que a galeria não conseguiria funcionar sem esse tipo de apoio. Isso não significava, porém, que todas as suas sugestões precisassem se transformar em obrigações minhas.

Respondi a Eryk dizendo que a segunda opção de iluminação estava mais próxima da minha concepção, mas

que gostaria de discuti-la pessoalmente. Acrescentei também que, naquele momento, não aceitava nenhuma alteração nas descrições das obras.

Ele respondeu poucos minutos depois.

"De acordo. Sugiro amanhã, às dez horas. Aproveitamos para finalizar o cronograma."

Aceitei o horário. Não havia motivo para adiar decisões que, de qualquer maneira, precisaríamos tomar.

Na manhã seguinte, nos encontramos na galeria, mas daquela vez não tivemos uma longa reunião ao redor da mesa. Eryk trouxe amostras de iluminação impressas e algumas fotografias mostrando como diferentes configurações afetavam a percepção das cores. Por um instante, tive a impressão de estar conversando com alguém que havia preparado uma pequena exposição apenas para me convencer a respeito de uma lâmpada.

— Não precisava imprimir tudo isso — observei.

— Eu poderia ter enviado os arquivos, mas então a senhora teria que avaliá-los na tela. E uma tela não é uma parede de galeria.

— É verdade.

— Além disso, queria que pudéssemos compará-los lado a lado.

Ele espalhou as fotografias sobre a mesa. Uma mostrava a sala principal sob uma iluminação mais fria, outra sob uma iluminação mais quente. A terceira apresentava o resultado da utilização de um ponto adicional de luz no corredor.

— Esta é a melhor — indiquei a última.

— Também acho.

— Por que não a sugeriu desde o início?

— Porque não sabia se a senhora aceitaria deslocar o quadro que fica perto da entrada.

— Não vou aceitar.

— Nesse caso, temos um problema.

— De novo?

— É bastante comum no meu trabalho.

Olhei para ele com uma expressão de impaciência fingida.

— O senhor sempre fala sobre problemas com essa tranquilidade?

— Prefiro resolvê-los antes que comecem a parecer mais graves do que realmente são.

— Isso parece uma deformação profissional.

— Talvez seja.

Voltamos à sala. Durante a meia hora seguinte, verificamos como as configurações propostas afetariam cada uma das telas. Eryk não tentou me convencer a mudar a ordem dos quadros. Em vez disso, mostrava onde poderíamos conseguir um resultado melhor sem interferir na composição. Quando eu rejeitava uma solução, ele não voltava a apresentá-la alguns minutos depois com outro nome.

Comecei a apreciar essa característica.

Diante do quadro que retratava uma mulher sentada no chão, com as costas apoiadas contra uma porta fechada, ele parou por mais tempo. Não era uma das pinturas que as pessoas costumavam escolher quando visitavam meu trabalho. Não tinha cores chamativas nem uma composição

particularmente decorativa. A maioria passava por ela antes de perceber os pequenos detalhes.

— Este é importante para você — disse.

Não pareceu uma pergunta.

— Sim.

— Quer colocá-lo na segunda sala?

— Ainda não decidi.

— Posso perguntar por quê?

Por um momento, considerei se deveria responder. Não gostava de falar sobre o significado das minhas pinturas enquanto trabalhava na montagem de uma exposição. Certa vez, um curador havia ouvido a história por trás de uma das minhas obras e escrito para o catálogo um texto que a transformava em algo completamente diferente. Desde então, passei a compartilhar o contexto pessoal com mais cautela.

— Porque não sei se quero que alguém fique olhando para ele por muito tempo — respondi finalmente.

Eryk não desviou os olhos da tela.

— E, ainda assim, você o pintou.

— Isso não significa que eu queira falar sobre ele imediatamente.

— Entendo.

Ele não perguntou mais nada. Não tentou provar que, como designer, precisava conhecer a história de cada pintura. Em vez disso, deslocou a luminária que estava ao lado para verificar como a luz atingia a parte inferior da tela.

— Nesse caso, não vamos colocá-lo perto da entrada — disse. — Mas também não vamos escondê-lo em um lugar onde ninguém consiga chegar.

Olhei para ele.

— Obrigada.

— Não há de quê. O trabalho é seu.

Não havia nenhum tom de triunfo em sua voz. Ele não esperava que eu o elogiasse por ter me compreendido. Simplesmente recebeu a informação e adaptou sua proposta a ela. Aquilo era muito mais convincente do que todas as declarações de respeito aos artistas que eu já havia ouvido.

Depois de terminarmos a inspeção, sentamos à mesa para discutir o cronograma. Ainda faltavam algumas semanas para a abertura da exposição, mas precisávamos finalizar a lista das obras, estabelecer as datas de transporte e preparar a documentação. Eryk apresentou a sequência das atividades, enquanto eu acrescentava algumas observações sobre o tempo necessário para proteger as telas maiores.

— Não quero que deixemos tudo para a última hora — disse ele. — Com essa quantidade de obras, precisamos de pelo menos dois dias para a montagem.

— A galeria reservou três.

— Ótimo. Um dia extra pode ser útil caso apareça algum imprevisto.

— No seu mundo, sempre aparecem imprevistos?

— No meu mundo, até uma parede perfeitamente planejada pode acabar sendo torta.

Sorri.